

Raiz em uma Terra Seca

1ª parte

PRÓLOGO: DOIS PONTOS DE VISTA

No processo de reescrever e revisar este livro tornou-se claro que a natureza delicada do assunto requeria que seu manuscrito fosse revisado por alguém que pertencesse à igreja institucional histórica.

O Senhor providenciou esse revisor — um professor de história e cristão católico carismático muito dedicado. Agradeço-lhe muito suas úteis sugestões, correções e acréscimos, a maioria dos quais foi aproveitada no texto final.

Enquanto revisava suas páginas de anotações, porém, mais uma vez fiquei profundamente consciente da existência de duas interpretações bem distintas da história da Igreja. Enquanto rotulei a estrutura da Igreja pós-apostólica de "rígida", meu revisor católico preferiu considerá-la "mais desenvolvida e esclarecida". Enquanto acusei a Igreja pós-apostólica por seu formalismo moribundo, meu revisor observou: "Para um católico como eu, o desenvolvimento da liturgia e de modelos claros de autoridade na Igreja representam progresso."

Com dois pontos de vista tão diferentes como esses, não seria surpresa então verificar que atualmente existem dois pontos de vista bem distintos sobre o presente derramamento do Espírito Santo na terra.

Aqueles que acham que a Igreja evoluiu e se desenvolveu depois do primeiro século (apesar de seus defeitos), naturalmente verão o presente mover do Espírito Santo como uma renovação das instituições existentes.

Porém, aqueles que veem a Igreja como decadente e apóstata depois do primeiro século, obviamente verão este presente derramamento do Espírito Santo como um mover de Deus visando uma restauração mais completa do Corpo de Cristo em toda a terra.

Não será necessário ir muito longe neste livro para perceber qual destas duas linhas o autor defende. Obviamente, minha posição é que a Igreja declinou e que a casa de Deus está em ruínas. Conseqüentemente, vejo a Reforma e tudo o que se seguiu até a presente visitação do Espírito Santo como uma bendita recuperação, uma restauração, uma reconstrução da casa de Deus rumo à sua original simplicidade apostólica do primeiro século. E desta forma minhas conclusões indicam claramente que o presente vinho novo do Espírito deve ser colocado em odres novos.

Embora esteja pessoalmente muito comprometido com este entendimento, reconheço que há valorosos homens e mulheres de Deus nesta presente visitação que sustentam o ponto de vista contrário. Em meu epílogo busco, por isso, explorar as possibilidades de como Deus pode operar tanto através de renovação quanto de restauração da Igreja, à medida que o Senhor Jesus novamente unge para si um povo sobre a terra no fim desta era.

CAPÍTULO 1

A RICA RAIZ DA VIDEIRA

Os Fundamentos da Igreja Primitiva

Para entender o Corpo de Cristo na Nova Aliança é preciso, primeiramente, entender a obra do Espírito Santo no Velho Testamento. Para os primeiros apóstolos, a comunidade messiânica era muito viva e operante em todo o Velho Testamento, mesmo nas horas da mais profunda apostasia da nação de Israel. Embora seja verdade que o dia de Pentecostes introduziu um novo mover do Espírito de Deus para os últimos dias, especialmente para incluir em grande escala os gentios, é necessário lembrar que os gentios foram simplesmente acrescentados à já existente "comunidade de Israel" e feitos "coparticipantes do corpo", que incluía os patriarcas e santos de todas as épocas.

Usando outra figura de linguagem, os gentios foram enxertados para se tornarem participantes com Israel das suas ricas raízes. E de fato a igreja apostólica teve suas origens em Abraão, Isaque e Jacó. Tanto Abraão como Davi conheceram a bênção da justificação pela fé exposta por Paulo, e Abraão permanece como o chefe patriarcal de toda a família de Deus. Os profetas antigos também haviam experimentado o "Espírito de Cristo, que neles estava". De fato, quase todos os dons carismáticos do Espírito Santo no Novo Testamento decorreram das experiências vividas pelos santos dos tempos antigos. Esses santos homens são descritos pelo autor do livro de Hebreus como "antigos", como coparticipantes de uma sociedade na qual eles, sem nós, não podiam ser aperfeiçoados.

A visão gloriosa de Paulo a respeito da Igreja como o Corpo de Cristo com muitos membros também foi derivada das concepções e experiências dos inspirados profetas do Israel antigo. Moisés viu o Israel de Deus como um homem coletivo em Deuteronômio 32.9,10. Davi falou sobre o Israel de Deus usando o coletivo "filho do homem que fortificaste para ti ... o varão da tua destra". Isaías viu o Servo sofredor e exaltado tanto como o homem singular, o Messias, quanto como o homem coletivo, o verdadeiro Israel de Deus. Na visão do profeta, a comunidade messiânica era a encarnação do próprio Cristo sofredor e exaltado, Daniel também viu a vinda do Filho do homem, em sua visão no capítulo 7, como um homem coletivo.

No sentido completo da palavra, a igreja apostólica teve suas raízes na riqueza de Israel como povo de Deus do Velho Testamento. A igreja pentecostal de Atos dos Apóstolos foi simplesmente o reverdecimento final da videira coletiva plantada pelo Deus de Israel milênios antes. A igreja apostólica tinha raízes profundas em Noé, em Abraão, em José, em Moisés, em Daniel e em Isaías; o mesmo Espírito de Cristo que estava neles caiu de um modo mais completo e mais fresco no Shevuos, SHEVOUS no dia de Pentecostes, no ano 30.

O mundo em que o cristianismo nasceu

Paulo escreveu às igrejas da Galácia que "vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho". Nesta expressão singular "a plenitude do tempo", Paulo resumiu aqueles longos séculos da atividade soberana de Deus nas nações dos homens, atividade essa necessária na preparação do mundo para a vinda de Jesus, o Messias.

É muito interessante que a inscrição colocada na cruz de Jesus tenha sido escrita em hebraico, latim e grego. E essas três culturas, mais do que quaisquer outras, prepararam o solo para o abundante florescimento da videira messiânica no primeiro século. Em primeiro lugar, os hebreus, em sua dispersão levaram consigo para todo lugar o entendimento de um único e verdadeiro Deus, Jeová. Também, estava profundamente arraigada em seu entendimento a expectativa do Reino do Messias no fim dos tempos. O Messias era, na verdade, a esperança de Israel e a luz dos gentios!

Em segundo lugar, a cultura grega contribuiu com sua incomparável língua, falada em todo o mundo conhecido daquela época, inicialmente como o meio de proclamação apostólica oral e, mais tarde, como o meio de instrução apostólica escrita. Também a decadência moral da cultura grega na sua exploração do melhor das habilidades humanas na arte e na literatura, na filosofia e na ciência, serviu apenas para provar a sabedoria do poeta Bonar: "Tudo que minha alma provou, deixou apenas um vazio deprimente." O caminho estava claramente preparado para a declaração ousada do Evangelho: "Há somente Cristo: Ele é tudo em todos."

Em terceiro lugar, a contribuição da cultura romana para a "plenitude do tempo" consistiu na unificação de todo o império romano, até então um conjunto desordenado de nações herdado dos gregos. Através de sua rede de transporte, seu sistema de comunicações e correios, através de sua cultura, leis e governo militar, Roma consolidou e misturou a "farinha" de toda a massa da humanidade para que pudesse ser mais facilmente "levedada" pelo evangelho de Cristo. Jesus realmente nasceu "na plenitude do tempo". Um mundo decadente e falido estava então realmente preparado para ouvir a declaração ungida do Senhorio sublime de Cristo dos lábios daquele pequeno grupo de homens que Jesus pessoalmente discipulou e depois enviou por todo o mundo como portavozes de sua redenção universal.

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

CAPÍTULO 1

1. Baseado em Efésios 2.12-19 e 3.4-6, Paulo viu a igreja como um reino separado de Israel ou como apenas uma extensão mais completa do verdadeiro Israel de Deus do Velho Testamento?
2. Os apóstolos entendiam que os profetas do Velho Testamento tinham uma unção passageira do Espírito "sobre" eles ou a habitação permanente do Espírito de Cristo "dentro" deles?
3. Em que fontes Paulo baseou suas inspiradas concepções do povo de Deus como um homem coletivo? Cite referências.
4. Quais as duas maneiras principais pelas quais a cultura hebraica preparou o mundo para a vinda de Jesus Cristo?
5. Quais as duas contribuições da cultura grega para esta preparação?
6. Qual a contribuição principal da civilização romana para a "plenitude do tempo", preparando o caminho para a vinda do Messias?

CAPÍTULO 2

O REVERDECER DOS RAMOS

A Igreja Apostólica do Primeiro Século

A característica mais evidente da Igreja tem sido sempre a presença e atividade espontânea de Jesus Cristo no meio dela. Esta é a verdadeira Igreja católica e apostólica. No primeiro século, Cristo estava verdadeiramente presente no meio de seu povo! No dia de Pentecostes ele voltou para eles da glória da sua ascensão no poder do seu Espírito derramado. Através deste Espírito ele agia neles, continuando espontaneamente a fazer as suas obras e a revelar seus ensinamentos através deles como seu Corpo.

Quando olhamos para a igreja primitiva, ficamos impressionados com três características que se destacam: sua mensagem, sua experiência e seu culto e vida comunitária.

A mensagem apostólica

A mensagem apostólica pode ser dividida, como vimos, no kerygma apostólico, ou proclamação, e no didaquê apostólico, ou ensino. A pregação apostólica não era uma fórmula religiosa mental estéril, mas simplesmente a proclamação do próprio Cristo ressurreto! Um tema ardente pode ser encontrado em toda a pregação apostólica, quer de Pedro ou de Paulo, seja para judeus ou gentios, a saber, simplesmente que "Deus o ressuscitou..."! A realidade da ressurreição literal de Cristo transformou os tímidos discípulos em testemunhas ardentes. O simples fato de Cristo estar vivo transformou um ardoroso perseguidor, Saulo de Tarso, em defensor devotado da causa do Nazareno, tornando-se a personalidade humana mais poderosa na história da Igreja. Desta forma, a ressurreição tornou-se a principal mensagem apostólica ao mundo. Jesus estava vivo e atuante na terra!

O ensinamento apostólico que fundamentou e estabeleceu os novos crentes foi do mesmo modo simples e prático, "... as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo... a doutrina que é segundo a piedade". O ensinamento apostólico fundamental era o mesmo ensinamento de Jesus, que enfatizava um relacionamento vivo com Deus como Pai, de maridos com suas esposas, de pais com seus filhos, de patrões com seus empregados. O didaquê de Jesus, a Nova Torá, centralizou-se em misericórdia, perdão e bondade. O ensinamento de Pedro, Paulo, Tiago e João — os autores apostólicos — tinha igualmente preocupação com os assuntos morais, as coisas da vida prática. Não havia quase nada da "ortodoxia" técnica e rígida, teologicamente bem definida (e frequentemente controversa) que se tornou altamente valorizada na Igreja dos séculos seguintes. A era da sistematização de doutrinas ainda não havia surgido. A sistematização, porém, se tornaria característica marcante da Igreja em declínio, como logo veremos.

A experiência apostólica

Na Igreja do livro de Atos, Deus não tinha "netos". Não havia nenhuma segunda ou terceira geração de pessoas supostamente cristãs, absorvidas pela Igreja por alguma forma de osmose espiritual. Cada membro do Corpo de Cristo, quer fosse homem, mulher ou criança, o era por causa de uma experiência recente e dinâmica com o Cristo ressurreto. O nascimento de Cristo no interior dos homens pelo poder de seu Espírito

derramado e habitando neles era a única definição dada para alguém se tornar cristão conforme o livro de Atos.

Uma das características peculiares desta época do derramamento do Espírito era sua dimensão escatológica. Como o Espírito derramado era "o Espírito de profecia", de certa maneira os cristãos primitivos foram arrebatados no Espírito para o dia do Senhor. Desta perspectiva podiam dizer: "O fim de todas as coisas está próximo...". Para eles, vivendo no Espírito, Cristo verdadeiramente "vinha sem demora", e esta esperança os tornou imprestáveis para qualquer outra coisa que não fosse o seu reino celestial! Eram, na verdade, como seu pai Abraão, "estrangeiros e peregrinos na terra", o que mais uma vez os distinguiu grandemente da Igreja dos séculos posteriores.

Culto e vida apostólicos

Rufus M. Jones, historiador e filósofo cristão, em um de seus estudos descreve o culto e a vida apostólicos nas seguintes palavras, comparando-os com a vida mais estruturada da Igreja do segundo século.

Enquanto esta fase mística do Cristianismo primitivo durou, a comunidade era um organismo e não uma organização. Os membros tinham uma experiência comum. Eles se fundiram. Foram batizados em um Espírito, comiam uma refeição comunitária, participando todos juntos do mesmo pão, e bebendo todos juntos do mesmo cálice... Não havia nenhum sistema rígido. Os "costumes" ainda não pesavam sua mão sobre ninguém. A rotina e os ritos sagrados não haviam surgido ainda. Havia muito espaço para a espontaneidade e a iniciativa pessoal. As pessoas e os dons eram a base de tudo.

Os procedimentos eram flexíveis, pois ainda não havia um padrão pré-estabelecido. Havia lugar para a diversidade. A comunidade era mais um grupo familiar do que uma igreja como a conhecemos hoje. O amor, ao invés de regras, a guiava. Tudo era um acontecimento singular e nada se repetia... Nenhum líder dominava as reuniões. Nenhum programa era essencial. O pequeno corpo se reunia como uma comunidade do Espírito; e, como Paulo disse, onde há o Espírito, aí há liberdade — e não escravidão ou rotina. As práticas eram carismáticas, isto é, eram conduzidas por manifestação de "dons espirituais" dos que estivessem presentes.

O dom principal era a profecia, que consistia na declaração espontânea de uma mensagem considerada inspirada pelo Espírito por alguém que tivesse um bom depósito interior de vida; era frequentemente esclarecedora e construtiva — "edificante", como diria Paulo... Havia também outra característica constantemente presente: um poder moral muito elevado. Eles andavam no Espírito e possuíam os frutos do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio... que, como uma força interior construtiva, os transformavam em um só corpo, uma comunidade unificada.

A característica singular do culto e vida apostólicos era realmente sua espontaneidade. O Cristo ressurreto simplesmente tinha a liberdade de ser ele mesmo, pelo poder do seu Espírito Santo, em sua Igreja! Ele vivia e agia livremente no seu Corpo; novamente um contraste marcante com o que acontece nos séculos seguintes, conforme veremos.

Vida em comunidade

Alguns historiadores se referem àquilo que se convencionou chamar a "experiência de Jerusalém", em que "todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum". Este fenômeno não era peculiar a Jerusalém, nem foi apenas uma experiência. Se, por um lado, a comunidade apostólica não era uma porção de pessoas vivendo juntas debaixo do mesmo teto, com uma bolsa comum, por outro lado, também não era meramente um sonho passageiro ou uma "experiência". A comunidade apostólica era simplesmente a expressão permanente e duradoura do amor de Deus derramado nos corações de homens e mulheres pelo Espírito Santo, de forma que passassem a ter "um só coração e uma só alma", e que "ninguém dissesse que coisa alguma das que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns". Era por isso que "... não havia entre eles necessitado algum..." E isto foi resultado da simples obediência aos ensinamentos específicos de Jesus: "Assim, pois, todo aquele dentre vós que não renuncia a tudo quanto possui, não pode ser meu discípulo".

Esboço histórico do primeiro século

Atos 1.8 contém um esboço histórico do crescimento e do avanço da igreja apostólica do livro de Atos. Os capítulos 1 e 2 de Atos enfatizam a promessa de Jesus: *"Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo..."* O resto do livro de Atos enfatiza o desenvolvimento histórico desta promessa: *"...e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém (caps. 2-7), como em toda a Judéia e Samaria (caps. 8-12), e até os confins da terra" (caps. 13-28).*

No desenrolar progressivo desta expansão até os confins da terra, notamos o surgimento de certos centros geográficos de influência, a partir dos quais emanava a verdade de Deus. O primeiro centro de influência apostólica foi Jerusalém, base da equipe apostólica de Pedro e João. Esses dois discípulos íntimos de Jesus eram duas das três "colunas" e provavelmente eram os apóstolos das "igrejas da Judéia". A influência de Jerusalém, que chegou a ter muitos milhares de membros, era poderosa e muito extensa, mas nem sempre foi para o bem. De Jerusalém surgiu toda a ênfase judaizante e legalista que ameaçou limitar as igrejas recém-nascidas a serem simplesmente mais uma seita judaica afundada em pernicioso tradicionalismo. Esses abusos exigiram a ação disciplinar registrada em Atos 15 (exageradamente denominada por alguns de "Primeiro Concílio Geral da Igreja").

De Jerusalém também surgiram, sem dúvida, aqueles problemáticos "super-apóstolos" que Paulo reprovou como "falsos apóstolos, obreiros fraudulentos", que perseguiram seus passos e subverteram comunidades inteiras com seus ensinamentos legalistas. Esta influência abrangente e poderosa de Jerusalém como centro foi finalmente reduzida pela destruição de Jerusalém por Tito no outono de 70.

Porém, o erro básico e sutil do legalismo judaico sobreviveu à queda de Jerusalém e claramente reapareceu nos ensinamentos posteriores dos primeiros pais Católicos. (Este erro básico sobre a verdadeira natureza da justificação cresceu progressivamente até produzir todo o seu fruto amargo na Idade Escura, convertendo-se, no fim, na questão mais polêmica da Reforma e na causa de diferenças irreconciliáveis entre os teólogos Reformados e os Católicos. Especialmente para Paulo e Lutero, a justificação baseava-se unicamente na imerecida e gratuita graça de Deus dada ao homem objetivamente em Cristo Jesus, através dos méritos do

seu sangue expiatório. Para os cristãos judaizantes e, mais tarde, para os teólogos Católicos, a justificação dependia da graça de Deus operando subjetivamente nos homens, induzindo-os a fazer boas obras, isto é, as obras da lei! Assim, eles confundiram a justificação com a santificação, condicionando a primeira à segunda, e corromperam a verdadeira natureza objetiva e legal da justificação e da justiça divinamente imputada.)

No primeiro século, Antioquia da Síria tornou-se o segundo centro de influência apostólica, coexistindo por algum tempo com Jerusalém. De acordo com Atos 13 e 14, foi dali que Paulo, um mestre, e Barnabé, um profeta, foram enviados em sua primeira viagem apostólica à Ásia Menor, onde estabeleceram as quatro igrejas da Galácia — Antioquia da Pisídia, Listra, Icônio e Derbe. Nesses lugares eles ordenaram presbíteros para cada comunidade — a forma mais simples de governo da igreja primitiva sob a autoridade do próprio Cristo.

De Antioquia da Síria, Paulo, o mestre, é então enviado com Silas, um profeta, para uma segunda viagem missionária, desta vez para à Europa oriental, e estabeleceram as igrejas de Filipos (na Macedônia), Tessalônica e Corinto.

Partindo novamente de Antioquia da Síria, temos a terceira viagem apostólica de Paulo, quando foi fundada a igreja em Éfeso, que logo se tornou o terceiro centro dinâmico de influência na terra. De Éfeso "...todos os que habitavam na Ásia... ouviram a palavra do Senhor", resultando, sem dúvida, no estabelecimento de três pequenas comunidades no Vale de Licus — Colossos, Laodicéia e Hierápolis — como também no estabelecimento de outras igrejas históricas na Ásia, para as quais João demonstrou tanto cuidado piedoso e interesse evidenciados em Apocalipse.

Esses foram realmente os anos do reverdecimento da árvore. Apesar de todos os seus defeitos e dos complexos problemas (revelados nos escritos corretivos dos apóstolos no Novo Testamento), esta ainda era a igreja santa, católica e apostólica, "...edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a pedra de esquina"!

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

CAPÍTULO 2

1. Qual a característica singular da verdadeira igreja católica e apostólica?
2. Qual o significado da palavra "católica"?
3. Qual era a mensagem apostólica fundamental, ou kerygma?
4. Diga qual era a essência do ensinamento apostólico (didaquê) e o que não era.
5. Qual a definição dada no livro de Atos para se tornar um cristão?
6. Qual o significado da palavra "escatológico" e de que forma representava uma característica do Cristianismo do primeiro século?
7. Faça um contraste breve, baseado na descrição de Rufus Jones, entre o culto e vida dos cristãos do primeiro século e o culto e vida dos cristãos do segundo século.
8. Descreva o que a vida em comunidade do Novo Testamento era e o que não era.
9. Onde estava o primeiro centro geográfico de influência cristã?
10. Dê o nome do segundo centro geográfico de influência apostólica e descreva o alcance desse centro.
11. Qual foi o terceiro centro de influência apostólica no primeiro século?

CAPÍTULO 3

A CHUVA PAROU

A transição do cristianismo do primeiro para o segundo século

O historiador J. L. Hurlburt observou com propriedade: "Durante os cinquenta anos subsequentes à vida de São Paulo, desceu uma cortina sobre a Igreja, que em vão se tem procurado, tornando quase impossível ver o que aconteceu naquele período, mas, quando por fim ela se levanta... encontramos uma Igreja, em muitos aspectos bem diferente em suas características daquela de Pedro e Paulo."

É evidente para a maioria dos historiadores que uma mudança dramática ocorreu no Cristianismo nas décadas de transição do primeiro para o segundo século. Enquanto alguns talvez prefiram ver nestas

mudanças um amadurecimento, um desenvolvimento e uma evolução da vida da Igreja, de um degrau de glória a outro, os fatos infelizmente revelam exatamente o contrário.

Os fatos que subentendemos ao ler o Apocalipse de João, o último documento apostólico, mostram o declínio que já ocorria no final do primeiro século. A chuva havia desaparecido quase por completo. João descreve as igrejas da Ásia como comunidades irremediavelmente emaranhadas em teias de decepção e decadência. Éfeso, que quarenta anos antes fora o cenário de uma poderosa e divina visitação do Espírito Santo, recebe uma ordem: *"Lembra-te, pois, donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; se não, brevemente virei a ti, e removerei do seu lugar o seu candeeiro, se não te arrependeres"*.

O declínio do Cristianismo do segundo século da sua pureza original de doutrina e prática é visto como consequência direta do declínio da presença e poder do Espírito no meio da Igreja. O historiador Lars P. Qualben descreve este declínio espiritual da seguinte maneira: "...o elemento profético entusiástico da vida cristã primitiva foi sendo aos poucos substituído por um crescente formalismo no ensino e no culto... Os especialmente 'dotados' se tornaram escassos e suas profecias talvez menos confiáveis. A expectativa da iminente volta do Senhor já não era mais tão generalizada e cresceu uma gera o que não se convertera diretamente do paganismo, mas nascera e fora criada em lares cristãos. Em lugar de confiarem nos dons espontâneos do Espírito, os cristãos confiavam em organiza es e em autoridade religiosa oficial."

A estrutura da Igreja

É igualmente evidente para todos os historiadores da Igreja que ocorreu uma mudança no governo das igrejas. Nas igrejas dos apóstolos, a espontaneidade era a norma de funcionamento. A igreja é um organismo, conduzida pela vida dinâmica do Espírito Santo. No segundo século notamos uma mudança. A igreja se torna menos um organismo e mais uma organiza o. A estrutura começa a substituir a espontaneidade. As igrejas dos apóstolos, como por exemplo, a de Éfeso, foram originalmente lideradas por um colégio de presbíteros, ou anciãos.

Estes eram os bispos, ou superintendentes da igreja, incumbidos de guiar e pastorear o rebanho de Deus. Embora os membros desse colégio

diferissem em sua maturidade e autoridade, e em suas habilidades para servir, não se fazia entre eles nenhuma distinção oficial, como posteriormente faria a igreja em declínio, que separou os bispos dos presbíteros. Philip Schaff descreve o governo da igreja apostólica em contraste com o governo da igreja no segundo século da seguinte forma:

Os termos presbítero (ou ancião) e bispo (ou superintendente) denotam no Novo Testamento um único e mesmo ofício... Aparecem sempre como uma pluralidade ou como um colegiado de uma única congregação, mesmo em cidades menores, como Filipos... O ofício dos presbíteros-bispos era ensinar e governar a congregação específica confiada ao seu encargo. Eles eram os "pastores e mestres" normais (Ef 4.11)... Os presbíteros sempre formavam um colegiado ou corporação, um presbitério... Mantinham, sem dúvida, uma relação de igualdade fraternal... A ideia mais próxima do antigo episcopado católico pode ser encontrada na posição singular de Tiago, o irmão do Senhor... Mas, de fato, ele era apenas "primus inter pares", ou o primeiro entre iguais. Em sua última visita a Jerusalém, Paulo foi recebido pelo corpo de presbíteros e deu-lhes um relatório de seu trabalho missionário (At 21.18). Além do mais, esta autoridade de Tiago foi algo excepcional e devida principalmente ao seu relacionamento íntimo com o Senhor e à sua santidade pessoal, que conquistou o respeito até mesmo dos judeus não convertidos.

A instituição do episcopado (o bispo singular) não pode ser encontrada na era apostólica, no sentido como evidência documentária, mas está em destaque quase universal em meados do segundo século.

O historiador Williston Walker chama a atenção para os problemas inerentes ao tipo de colegiado de anciãos que havia na simplicidade do primeiro século quando observa que "a liderança... exercida por um conselho de iguais não funciona por muito tempo..." e de fato isto é verdade. E, realmente, tornou-se virtualmente impossível com o declínio da presença do Espírito Santo. Um colégio de líderes só pode ser induzido a ter "o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, o mesmo ânimo, pensando a mesma coisa" quando a presença e a atividade de Cristo estiverem fortemente entre eles!

A heresia do gnosticismo

Além dos ensinamentos legalistas dos judaizantes de Jerusalém, outro erro fundamental do primeiro século foi o Gnosticismo. Este, em suas formas iniciais, era uma heresia peculiar e híbrida, com uma mistura de judaísmo e de misticismo oriental. As infiltrações feitas pelo Gnosticismo embrionário são claramente vistas na igreja de Colossos, a quem Paulo escreveu usando os termos mais fortes que conhecia. Os erros básicos do pensamento gnóstico foram respondidos por Paulo nesta carta. Primeiro, Paulo combate a noção herética de que "Deus é inacessível e que somente é possível aproximar dele através de uma longa graduação de intermediários celestiais, dos quais Jesus é apenas um e que, portanto, todas essas hierarquias celestiais devem ser adoradas..."

Paulo insiste que "há somente Cristo e ele é tudo..." Porque nele somente habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e temos a nossa plenitude somente nele. Alguns historiadores da Igreja são tão ingênuos que acreditam que a Igreja finalmente extirpou o Gnosticismo e o venceu. Mas isto não é verdade. A ideia posterior de adorar as hostes celestiais com sua longa graduação de intermediários, incluindo a mãe de nosso Senhor, foi simplesmente a maneira como o Cristianismo em declínio acomodou o Gnosticismo à teologia cristã.

As tendências legalistas e ascéticas do Gnosticismo, originadas do seu conceito de que o corpo e qualquer matéria são intrinsecamente maus, tiveram como resultado o ensinamento "não toques, não proves, não manuseies"! Essa concepção, que não foi exterminada, tornou-se a semente de noções extremistas posteriores a respeito do pecado herdado fisicamente e dos extremos do ascetismo legalista com sua "severidade para com o corpo", que por volta do quarto século se cristalizaria nas austeras e celibatárias práticas monásticas dentro da Cristandade.

Na presente abordagem, queremos destacar que o Gnosticismo se tornou uma das causas principais da estruturação mais formal da Igreja. O auge da influência gnóstica aconteceu por volta de 135 a 160, embora continuasse forte nos séculos seguintes. O declínio da presença anti-séptica do Espírito parecia permitir que esta heresia se alastrasse como uma praga no segundo século, ameaçando, segundo Williston Walker, "sufocar a fé cristã histórica e, desta forma, trazendo sobre a igreja cristã sua crise mais grave desde a batalha paulina em prol da liberdade da lei".

| A Igreja, na sua tentativa de combater o Gnosticismo, "desenvolveu uma organização bem estruturada e um credo claramente definido, que contrastou com a natureza mais espontânea e carismática do Cristianismo primitivo".

Sem dúvida, o Cristianismo do segundo século aparentemente não tinha alternativa, pois a maré da presença do Espírito estava na vazante. A chuva havia desaparecido quase que totalmente!

APÊNDICE I

Hino Gnóstico:

Fui liberto de minhas amarras,
Livre estou para ti, meu Deus.
Pois tu permaneceste ao meu lado
(para defender minha causa;)
Me redimiste e me socorreste...
Pois tua pessoa estava comigo,
E salvou-me pela tua graça.

Mas eu recebi força e socorro de ti.
Tu iluminaste minha direita e minha esquerda,
Para que não houvesse trevas ao meu redor.
Fui adornado com a proteção do teu Espírito...

Tornei-me são na tua verdade e santo na tua justiça...
Tornei-me do Senhor em nome do Senhor
Fui justificado por sua benignidade
E sua paz permanece para sempre e sempre. Amém.

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

CAPÍTULO 3

1. Mostre a partir de evidências no Novo Testamento que, por volta do fim do primeiro século, podemos detectar sinais de um movimento de declínio,
2. Que razão o historiador Lars P. Qualben dá para este declínio espiritual?
3. Descreva resumidamente o governo das igrejas dos apóstolos. Como o governo da Igreja do segundo século difere do governo das igrejas dos apóstolos?
4. Que condição singular e decisiva na igreja do primeiro século tornou possível o governo através de um colegiado de presbíteros?
5. Mencione alguns dos erros do Gnosticismo e a difusão desses erros no Cristianismo Católico primitivo.
6. Explique em poucas palavras como o romper do Gnosticismo no segundo século afetou a estrutura da Igreja cristã.

CAPÍTULO 4

FOLHAS VERDES NA SECA

A Igreja no Segundo Século (100-175)

Nossa fonte de pesquisa para a história do Cristianismo apostólico é principalmente a correspondência corretiva e instrutiva da equipe apostólica do primeiro século. Temos cartas das três "colunas" de Jerusalém: Pedro, Tiago e João. Segue-se Paulo, o apóstolo dos gentios e autor de treze cartas. Além desses quatro escritores apostólicos principais temos também a correspondência de Judas, o irmão de Tiago mencionado acima, como também a de Marcos, discípulo de Pedro. Finalmente, temos também os escritos de Mateus, um dos doze, e as compilações históricas de Lucas, que acompanhou o próprio Paulo como membro de sua equipe apostólica. Esta correspondência dos apóstolos e de homens intimamente ligados a eles chegou até nós na forma de nosso Novo Testamento.

Os escritos pós-apostólicos

Para a história do Cristianismo do segundo século, nossa fonte de pesquisa consiste principalmente da correspondência e escritos de homens denominados "os pais pós-apostólicos". Entre esses estão Clemente de Roma (96), Barnabé (132), Hermes de Roma (140), Inácio — "bispo de Antioquia" (110-115), e Policarpo de Esmirna, um discípulo do apóstolo João (110-117). Podemos acrescentar também a estes escritos o Didaquê ou o Ensino dos Doze Apóstolos, que data de 130-160.

Em torno de alguns desses homens, geralmente considerados discípulos pessoais ou "alunos" dos apóstolos originais, concentraram-se a liderança e a autoridade do Cristianismo do segundo século. Esses foram folhas verdes na seca; nos seus escritos podemos perceber as características marcantes do Cristianismo do segundo século, e também vemos, com tristeza, seus sutis desvios da vida e do ensino apostólicos originais.

CLEMENTE DE ROMA (96), um discípulo de Pedro, é provavelmente o primeiro dos escritores pós-apostólicos. Clementes Alexandrino o considera um apóstolo. De acordo com o historiador Eusébio, a carta evangélica de Clemente para a igreja de Corinto, na qual ele roga que permaneçam em unidade, foi lida publicamente nas assembleias da igreja primitiva, e está incluída em uma das antigas coleções do cânon das Escrituras. No entender de Clemente, a igreja ainda é governada por um colegiado de presbíteros. Ele escreve, "que o rebanho de Cristo esteja em paz, com seus presbíteros colocados sobre ele".

Além disso, ele reconhece somente dois ofícios básicos na igreja, "bispos e diáconos". Porém, ele denomina esses líderes da igreja "sacerdotes", tornando-se assim um dos primeiros a fazer distinção entre "clero" e "leigos", um claro desvio do entendimento apostólico sobre o sacerdócio de toda a igreja. As duas contribuições mais significativas da carta de Clemente são seu fervoroso apelo à autoridade dos escritos de Paulo ao rogar por unidade, que marca os princípios da formação do cânon da Escritura do Novo Testamento, e também o fato de ele atribuir aos apóstolos a existência de oficiais na igreja, o que mais tarde viria a ser mal interpretado como "sucessão apostólica". Sobre esse assunto, Clemente escreveu simplesmente: "Portanto, do mesmo modo nossos Apóstolos sabiam por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo que

haveria de surgir contendas por causa do ministério. E tendo, portanto, um perfeito e prévio conhecimento disto, designaram pessoas, como já antes dissemos, e em seguida deram diretrizes sobre como, após sua morte, outros homens escolhidos e aprovados deveriam sucedê-los em seu ministério".

Como veremos adiante, sem a presença forte e anti-séptica do Espírito Santo, essas duas armas — o cânon dos escritos apostólicos, como a corporificação da verdade final, e o reconhecimento da verdadeira igreja como a igreja dos apóstolos originais — estavam destinadas a se tornarem as principais armas na batalha contra a ameaça dos hereges Gnósticos com suas "revelações" heréticas e suas auto reivindicações de autoridade.

POLICARPO (110-117), o mártir canonizado e discípulo pessoal de João, escreve aos filipenses dirigindo-se a eles da seguinte forma: "De Policarpo e dos presbíteros que estão com ele". Seu entendimento sobre o governo da igreja é o mesmo de Clemente. Assim como Clemente, ele também apela aos escritos e "sabedoria do abençoado e renomado Paulo", e este apelo se torna outro fundamento para a formulação de um cânon de escritos do Novo Testamento. Ele, como Clemente, reconhece apenas "diáconos e presbíteros" na igreja. Porém, ele também chama os presbíteros "sacerdotes", indicando desse modo uma distinção sutil entre "clero" e "leigos".

INÁCIO (110-117), "o bispo de Antioquia", a quem se atribui a autoria de sete cartas para várias igrejas, escritas quando a caminho de Roma onde seria martirizado, difere grandemente da ênfase de Clemente e Policarpo. Inácio recorre antes ao episcopado, ou o ofício do bispo, e a um irmão principal em cada igreja, que ele denomina "o bispo", como o melhor meio de manter a integridade doutrinária e a unidade diante dos ataques dos hereges facciosos. Inácio "queria que o bispo tivesse controle absoluto, e por não ver isto em nenhuma outra igreja a não ser na sua, ele deu a maior ênfase possível às virtudes do episcopado monárquico". Aos efésios, Inácio escreve "que, sendo sujeito ao vosso bispo, e ao presbitério, sejais total e inteiramente santificados"; e "será bom que caminhéis juntos, de acordo com a vontade de vosso bispo..."; "é portanto evidente que devemos considerar o bispo, do mesmo modo que consideraríamos o próprio Senhor".

Ele ainda exorta os magnesianos a considerar seu "bispo (como) se presidisse no lugar de Deus..." Ali Inácio escolheu Damas dentre os outros líderes como seu único bispo. Aos tralianos ele ordena "reverenciar os diáconos como a Jesus Cristo; o bispo como ao Pai; e os presbíteros como ... aos Apóstolos. Sem estes não há Igreja..."

Ainda sobre outros assuntos, Inácio escreve aos efésios revelando suas fortes convicções a respeito dos sacramentos de "nosso Deus Jesus Cristo ... nascido e batizado, que através de sua paixão pôde purificar a água, para a lavagem de pecado". Ele ainda ordena aos efésios: obedecem "...o vosso bispo e o presbitério com inteira afeição, partindo o único e mesmo pão, que é o remédio para a imortalidade; nosso antídoto para que não morramos, mas vivamos para sempre em Cristo Jesus".

A respeito de cristologia, Inácio vê Jesus como o "espírito inseparável" de Deus "que procede de um Pai, e existe nele, e retorna a ele", ele próprio "o Pai desde a eternidade, e (que) apareceu a nós no fim". Em sua cristologia, Inácio é quase modalista (ver capítulo 5), Inácio, como Barnabé, entende que o Cristianismo "não deve observar sábados, mas guardar o dia do Senhor, no qual também a nossa vida é ressurreta por ele..."

Inácio, em sua carta a Esmirna, é o primeiro a chamar a Igreja de "a igreja Católica", querendo dizer com isto "a igreja universal". Ele ainda ordena aos esmirnianos que "sem o bispo não é lícito batizar nem celebrar a Santa Comunhão..." Assim, ele se torna um dos primeiros a fazer uma enorme distinção entre "o clero" (os escolhidos) e "os leigos" (as massas).

A ênfase de Inácio no "bispo singular" é tão escandalosamente fora de propósito com os escritos apostólicos do primeiro século e com os outros escritos pós-apostólicos do início do segundo século, que alguns historiadores da Igreja realmente questionam a autenticidade dos escritos de "Inácio" como sendo dele, ou, como pertencentes ao início do segundo século, mas antes os vêm como escritos posteriores. Lars P. Qualben descreve o aparecimento mais gradativo desta distinção entre clero e leigos como tendo ocorrido entre o primeiro e o segundo séculos. Em comentário sobre o primeiro século ele declara:

As igrejas locais tinham presbíteros e diáconos, que supervisionavam e dirigiam o trabalho da congregação... Mas a organização da igreja primitiva não era centrada em ofício e lei, mas nos dons especiais do Espírito. O ensino, a pregação, e a administração dos Sacramentos eram conduzidos pelos "homens dotados" na congregação. Um presbítero também podia ensinar, pregar e administrar os Sacramentos, mas ele não fazia isto só porque era um presbítero, mas por ter reconhecidamente "o dom"...

Perto do final do primeiro século cristão ocorreu uma mudança. Uma falta geral de confiança nos dons do Espírito, um desejo de mais ordem específica, e uma necessidade urgente de uma defesa adequada contra as heresias resultaram numa transferência gradativa da pregação, do ensino e da administração dos Sacramentos dos "homens dotados" para os presbíteros locais... As funções oficiais eram agora exercidas somente pelos presbíteros. O ministério da Palavra e os Sacramentos se tornaram oficiais, o que marcou o início da divisão dos cristãos entre "clero" (os escolhidos) e "leigos" (as massas).

Durante o segundo e terceiro séculos, outra mudança importante ocorreu. Em lugar de serem governadas por um grupo de presbíteros, as igrejas locais eram lideradas por oficiais singulares para quem o título de "bispo" foi reservado com exclusividade... A presença do "bispo"... era agora essencial para validar cada ato da congregação. De fato, sem o bispo não havia igreja; e qualquer pessoa que desejasse ser um cristão deveria se submeter ao bispo. Fora desta igreja dos bispos, não havia salvação.

Em homens como "Inácio", que, segundo suas próprias palavras, amava e "apreciava Jesus Cristo" pessoalmente, podem ser encontradas, porém, algumas sementes devastadoras de erros que, embora semeadas numa tentativa honesta de combater os hereges Gnósticos, todavia cresceram nos séculos seguintes para produzir frutos bem amargos. Mas, talvez, na ausência de um autêntico derramamento do Espírito Santo, o que esses homens fizeram tenha sido o melhor que poderiam em tais circunstâncias e com os meios de que dispunham. Apesar de tudo, estes eram folhas verdes num tempo de seca.

Tentativas de reforma

MÁRCIO é chamado pelos historiadores "o primeiro reformador da igreja". Excomungado da igreja em Roma em 144 por causa de seus fortes ensinamentos heréticos Gnósticos e ascéticos, ele formou suas próprias igrejas que se espalharam por todo o império e permaneceram até o século quinto. Márcio, um pregador da graça, rejeitou todas aquelas formas de legalismo e judaísmo que sentiu estarem prevalecendo na igreja institucional. Ele tentou compilar um cânon dos escritos autênticos do Novo Testamento (o primeiro deste tipo), mas incluiu somente os escritos de Paulo às igrejas e o Evangelho de Lucas como a verdadeira interpretação apostólica do evangelho da graça. O cisma Gnóstico de Márcio só contribuiu para levar o Cristianismo do segundo século a um sistema com mais estrutura de doutrina e organização, como já vimos.

MONTANO liderou um movimento que levou seu próprio nome e que é considerado pelo historiador Williston Walker como "de origem nitidamente cristã". Foi uma reforma carismática ocorrida por volta de 156 em Mísias, que incluiu glossolalia (falar em línguas), profecias, visões e uma expectativa escatológica. Infelizmente, como aconteceu com muitos derramamentos pentecostais, teve sua cota de excessos super espirituais e fanatismo. Eusébio comenta como os montanistas introduziram um novo tipo de profecia "contrário ao costume tradicional e invariável da igreja". Todavia, ao contrário de Márcio, Montano e suas duas profetisas, Priscila e Maximila, queriam uma reforma genuinamente ortodoxa no meio do Cristianismo estagnante, formal e mundano do segundo século.

Como o Montanismo representava uma ameaça muito grande à autoridade do Cristianismo estabelecido, foi formalmente condenado pelos sínodos de vários bispos da Ásia Menor, que, a partir daí, reagiram mais ainda contra as manifestações espontâneas do Espírito Santo e entraram num formalismo ainda mais rígido. Podemos bem imaginar quais teriam sido os resultados se o Cristianismo tivesse recebido este genuíno derramamento pentecostal e, assim, contribuído para equilibrá-lo e firmá-lo, sendo ao mesmo tempo vivificado e renovado por ele!

As perseguições

O Cristianismo, visto como uma seita judaica, gozou de certa proteção sob a política de Roma, que dava liberdade às religiões locais. Porém, quando os crentes primitivos começaram a declarar "a existência de outro rei, Jesus", não demorou muito para que a igreja fosse vista como uma séria ameaça ao Império Romano, que adorava o imperador como deus. O Cristianismo era totalmente incompatível com o sistema secular de Roma tanto política como social e religiosamente. E foi assim que a perseguição começou já no primeiro século sob o governo de Nero (54-58), que acusou falsamente os cristãos de terem incendiado Roma. A perseguição continuou sob o governo de Domiciano (91-96). Sob o governo do imperador Trajano (98-117), Inácio de Antioquia foi jogado às feras no Coliseu de Roma, em 115, e Simão de Jerusalém, sucessor de Tiago e um parente de nosso Senhor, foi torturado por muitos dias e finalmente crucificado em 107.

O santo Policarpo de Esmirna, discípulo de João, foi queimado na fogueira em 155. sob o governo do imperador Antonio Pio, porque, de acordo com seu próprio testemunho, ele não iria blasfemar contra o Rei que o salvara. Sob o governo de Marco Aurélio (161-180), a perseguição continuou por anos, e incluiu a decapitação de Justino Mártir, o apologista em Roma, em 166. Mas parece, como sempre acontece, que "o sangue dos mártires é a semente da igreja", pois, por volta de 180, a igreja se estabelecera em todas as partes do Império Romano e além de suas fronteiras ao sul e ao oeste.

Os apologistas

Os apologistas do segundo século eram escritores cristãos que defendiam a fé cristã contra as falsas acusações e calúnias dos antagonistas da igreja. A Ceia do Senhor fora mal interpretada como canibalismo, e a afeição e o amor dos crentes uns pelos outros foram mal compreendidos como imoralidade e indecência. A verdadeira igreja foi sempre destinada a ser mal entendida e caluniada. Quando ela é aplaudida e popular, está em declínio.

O mais notável entre os apologistas antigos que defenderam a igreja foi Justino Mártir. Sua Primeira Apologia foi dirigida ao Imperador Antonio Pio e ao Senado, e a todo o povo romano, em defesa do Cristianismo. Sua

apologia mais longa é o seu Diálogo com Trifo o Judeu, uma explanação da fé cristã aos judeus. Outros apologistas foram Quadratus de Atenas (125), Atenágoras (177), e Melito, bispo de Sardes (169-180). Foi este último que escreveu tão comoventemente sobre Jesus: "Jesus é tudo. Quando ele julga, ele é a Lei; quando ele ensina, ele é a Palavra; quando ele salva, ele é a Graça; quando ele gera, ele é o Pai; quando é gerado, é o Filho; quando ele sofre, ele é o Cordeiro; quando sepultado, é o Homem; quando ressurreto, ele é Deus. Assim é Jesus Cristo! A ele seja a glória para sempre, amém!" Homens como esses foram folhas verdes em tempo de seca!

Apêndice II

O historiador Williston Walker faz o seguinte comentário esclarecedor a respeito do entendimento da igreja do segundo século sobre o batismo:

Até a época de Hermes e Justino havia um parecer geral de que o batismo lavava todos os pecados passados... o grande rito da purificação, iniciação e renascimento para a vida eterna... Com os primeiros discípulos, o batismo era geralmente "em nome de Jesus Cristo." ...Os líderes cristãos do terceiro século conservaram o reconhecimento da forma inicial, e em Roma, pelo menos, o batismo em nome de Cristo era considerado válido, mas irregular, certamente a partir da época do Bispo Estêvão (254-257).

No tocante aos batizados, a forte possibilidade é que, até mais da metade do segundo século, só foram batizados aqueles que tinham capacidade de decisão. A primeira menção de batismo infantil, e um tanto quanto obscura, foi por volta de 185, por Irineu. ...Não há uma evidência firme sobre por que surgiu o batismo infantil. Cipriano ... argumentou em seu favor baseado na doutrina do pecado original. Porém, a opinião geral mais antiga parece ser firmada na inocência da infância... Porém, o batismo infantil não se tornou universal até o século sexto...

Quanto ao método do batismo, é provável que a forma original fosse por imersão, completa ou parcial. Isto está implícito em Romanos 6.4 e Colossenses 2.12... A imersão continuou como a prática prevalecente até perto do fim da Idade Média no Ocidente; no Oriente ela ainda permanece."

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

CAPÍTULO 4

1. Qual a única característica básica e comum aos homens cujos escritos formam o cânon do Novo Testamento? Nomeie os principais escritores.
2. Qual o único denominador comum básico dos homens que formam a liderança autêntica da Igreja do início do segundo século? Nomeie os homens principais e as suas datas.
3. Quais os dois "pais pós-apostólicos" cujas ideias mais se assemelham às ideias dos apóstolos do primeiro século, especialmente sobre o governo da igreja?
4. Quais as duas armas que esses dois homens usaram para combater o Gnosticismo?
5. Que escritor importante do segundo século se desvia mais abertamente do governo da igreja apostólica primitiva e que motivo é sugerido para isso? Que visão alternativa é defendida por outros historiadores, e por quê?
6. Qual o entendimento de Inácio sobre Jesus Cristo? Sobre os Sacramentos? Sobre o "dia do Senhor"? Sobre "clero" e "leigos"?
7. Que razão o historiador Qualben dá para o aparecimento da divisão entre "clero" e "leigos" no final do primeiro século?
8. A respeito dos dois homens, Márcio e Montano, de que maneira eles foram semelhantes e de que maneira foram diferentes em suas tentativas de reforma?
9. Que resultado idêntico produziram os movimentos tanto de Márcio como de Montano sobre a estrutura da Igreja?
10. Qual foi a causa principal da perseguição aos cristãos do primeiro e segundo séculos? Nomeie alguns dos imperadores perseguidores. Nomeie alguns dos mártires famosos.
11. Qual a necessidade que os apologistas preencheram? Cite vários deles.

CAPÍTULO 5

O OUTONO DO ANO

Os Antigos Pais Católicos (175-325)

A era "antenicena" é aquele século e meio antes da convocação pelo Imperador Constantino do Primeiro Concílio Geral da Igreja, em Nicéia, em 325. Os homens proeminentes desta era são chamados de "Pais da Igreja". Entre eles há cinco que se destacam como os mais brilhantes e devotados: Irineu, Tertuliano, Cipriano, Clemente e Orígenes.

Irineu, com seu discípulo Hipólito, se destaca como o mais antigo líder teológico da Igreja Católica que surgiu. Nascido na Ásia Menor por volta de 130, ele foi discipulado por Policarpo de Esmirna, por sua vez discipulado por João, o discípulo de Jesus. Foi enviado como missionário da ala oriental da Igreja na Ásia Menor para a ala ocidental da Igreja em Lyon na Gália, onde serviu como bispo até sua morte por volta de 200.

Sua contribuição mais importante foram seus cinco volumes, *Contra as Heresias*, escritos principalmente para combater o Gnosticismo. Sua ênfase principal era a nossa grande salvação através "do único Mestre verdadeiro e imutável, a Palavra de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, que por meio do seu amor transcendental se tornou como nós para que viéssemos nós a ser como ele mesmo é".

As duas teologias

Dentro da Igreja do segundo e terceiro séculos começa a surgir uma diferença de pensamento teológico entre a mentalidade grega e a romana, ou latina; um prelúdio sutil rumo à divisão posterior entre as igrejas gregas e as latinas. A teologia latina, representada principalmente por Tertuliano e seu sucessor, Cipriano, ambos oriundos de Cartago na África do Norte, tendeu a ser mais realista e prática, tratando com a Igreja e a salvação, e foi mais firmemente hostil ao Gnosticismo e a qualquer filosofia. Por outro lado, a teologia grega, representada principalmente pela escola alexandrina de Clemente e Orígenes, foi mais filosófica e idealista, tratando mais com as doutrinas da cristologia e da encarnação, e procurou interpretar o Gnosticismo à luz da ortodoxia cristã.

Os teólogos latinos do ocidente

Tertuliano de Cartago (155-255) com sua mente brilhante, é apropriadamente chamado de "o Pai da Teologia Latina". Convertido do paganismo com mais de trinta anos de idade, alcançou o nível de presbítero da Igreja Católica de Cartago. Devido ao seu ressentimento com a negligência moral da Igreja em Roma, que nesta época se tornava proeminente sobre toda a Cristandade, e também por causa de suas convicções ascéticas pessoais, na virada do século rompeu com a Igreja Católica e se juntou à seita puritana, porém carismática e ortodoxa, dos montanistas. Ao mesmo tempo, iniciou sua extensa carreira literária de defesa apologética e definição do Cristianismo ortodoxo. Em seus trinta tratados, escreve de um modo ordenado, abalizado e vívido. Contra os pagãos, os judeus e as injustiças do Império contra o Cristianismo, usa um estilo apologético.

Com sarcasmo e malícia, escreve contra os heréticos Gnósticos, entre eles Márcio, defendendo a igreja dos apóstolos como a única e verdadeira igreja, aquela que contém o autêntico depósito da verdade apostólica. Em sua visão montanista, ele também atacou os Católicos mornos. Do lado positivo, escreve sobre oração, penitência, paciência, batismo e também sobre cristologia trinitária, cujos pontos positivos e negativos discutiremos mais tarde. Ele também enfatiza os grandes temas de Paulo, pecado e graça, lançando os fundamentos para a teologia subsequente do grande pensador norte-africano, Agostinho,

Bispo de hipona

Cipriano de Cartago nasceu em 200 e foi martirizado por decapitação em 14 de setembro de 258. Converteu-se a Cristo com 46 anos de idade, doze anos antes de sua morte. Em obediência literal aos ensinamentos do Evangelho, vendeu suas luxuosas propriedades, dando o dinheiro aos pobres. Dois anos depois do seu batismo cristão, tornou-se um presbítero católico e, logo depois, foi eleito Bispo de Cartago. Cipriano considerava o montanista Tertuliano como seu mestre (por meio de seus escritos), embora seja possível que os dois homens nunca se tenham encontrado pessoalmente.

Sua contribuição principal ao pensamento do terceiro século foi no desenvolvimento do Catolicismo episcopal. Ele advogou a crença de que

todos devem ser sujeitos a um bispo para poder estar na única Igreja universal, em reação aos cismáticos de seus dias, embora nunca atacasse nominalmente seu venerado mestre, o montanista Tertuliano. Em total contraste com a mentalidade apostólica do primeiro século, Cipriano escreve: "Seja quem for e qualquer que seja o seu caráter, não é um cristão quem não estiver na Igreja de Cristo... Não há salvação fora da Igreja...; não é possível que tenha Deus como seu Pai quem não tiver a Igreja por sua mãe... A Igreja é constituída por bispos e cada ato da Igreja é controlado por esses líderes...; aquele que não está com o bispo, não está na Igreja..." Embora Cipriano considerasse o bispo de Roma distintamente como *primus inter pares* (primeiro entre iguais), e a igreja de Roma como a mais alta em dignidade, ele resistiu à tentativa do Bispo Estêvão de Roma de reunir todas as igrejas sob sua autoridade na questão controversa do batismo de heréticos. O bispo romano teria ainda um longo caminho de séculos de batalha à sua frente antes de conseguir se declarar a si mesmo chefe incontestável da Igreja Católica no Ocidente.

Os teólogos gregos no Oriente

Clemente de Alexandria (150-220) e Orígenes, seu aluno, foram os principais líderes da escola de catequese em Alexandria, no Egito, sede da segunda corrente principal de pensamento teológico, a escola grega. Ao contrário de Tertuliano, com sua total desconfiança na filosofia, e ao contrário de Cipriano com seu vigoroso empenho organizacional na Igreja, a escola grega procurou interpretar Deus e Cristo combinando as filosofias da época com a mensagem do Cristianismo, produzindo assim, na verdade, um "Gnosticismo cristão". Clemente não era um teólogo sistemático; ele deixou essa tarefa para o seu aluno e sucessor Orígenes, um dos mais brilhantes mestres e escritores da Igreja Cristã da sua época.

Orígenes (185-254), filho do mártir cristão Leônidas, nasceu num lar cristão e chegou à liderança da escola de catequese de Alexandria quando era um jovem de 18 anos, e durante os 28 anos seguintes ele a desenvolveu ao seu mais alto grau de fama até que, por ciúmes, foi excomungado de Alexandria pelo Bispo Demétrio, seu superior. Orígenes construiu então outra escola de ensino em Cesaréia, onde foi recebido pela Igreja e onde escreveu e ensinou por 20 anos. De acordo com Jerônimo, o ascético Orígenes (que castrou a si mesmo) "produziu mais livros do que qualquer outro homem poderia ler durante toda sua vida".

Entre esses estavam a sua Hexapla, uma tradução hebraica e grega do Velho Testamento, e seus volumosos Comentários sobre as Escrituras. Sua obra mais célebre é provavelmente o De Principiis, em quatro volumes, a primeira grande apresentação sistemática das doutrinas do Cristianismo e que os historiadores creem ser a obra de maior alcance intelectual da Igreja antenicensa. O ponto fraco da erudição de Orígenes foi seu método alegórico, quase Gnóstico, de interpretar a Bíblia, que o capacitou a concluir das Escrituras quase tudo que queria. Uma das principais contribuições doutrinárias dele à teologia do terceiro século, como no caso de Tertuliano, foi sua cristologia, cujos pontos fortes e fracos discutiremos mais adiante. Talvez o ensino mais controverso de Orígenes, que foi finalmente condenado pelo Quinto Concílio Geral da Igreja Católica em 553, tenha sido seu "universalismo", no qual ensinava que todos os homens, incluindo os espíritos caídos, seriam finalmente salvos.

Apesar disto ser um extremo e uma distorção clara do entendimento apostólico sobre o triunfo total e universal de Cristo sobre todo pecado e mal, não é provavelmente mais extremista do que as doutrinas que surgiram mais tarde, no final da Idade Escura, sobre os julgamentos eternos de Deus, que foram então, por sua vez, transmitidas via Reforma ao evangelicismo contemporâneo.

No todo, estes cinco homens, Irineu, Tertuliano, Cipriano, Clemente e Orígenes, foram os principais formadores do pensamento cristão no final do segundo século e início do terceiro, espiritualmente o "outono do ano", logo antes da chegada das rajadas frias das controvérsias doutrinárias que anunciariam o advento daquele inverno espiritual escuro e gelado, a Idade Escura.

Mudanças significativas na Era Antenicensa

Cinco mudanças significativas ocorreram na era antenicensa de Irineu, Tertuliano, Cipriano, Clemente e Orígenes. Todas elas são o resultado direto do esforço cada vez maior do frágil Cristianismo Católico contra os heréticos cismáticos, especialmente os Gnósticos. Estas cinco mudanças são a emergente regra de fé, a consolidação do cânon do Novo Testamento, o fortalecimento do episcopado, a crescente supremacia da Igreja Romana e a formação de uma Cristologia definida. E nós as examinaremos nessa ordem.

O desenvolvimento da regra de fé

A ameaça Gnóstica, trazendo consigo suas próprias escrituras, suas próprias revelações e seus próprios métodos alegóricos de interpretar até mesmo os escritos apostólicos originais, forçou a formulação gradativa de algum tipo de credo básico dentro da Igreja Católica, pelo qual o Espírito da verdade poderia ser mais facilmente distinguido do espírito do erro.

Em relação ao batismo, a primeira confissão batismal usada foi simplesmente "Jesus é o Senhor". Porém, com a complexidade da ameaça Gnóstica, um credo mais complexo e abrangente se desenvolveu gradativamente por volta do segundo século, chamado o Credo dos Apóstolos, que consistia de doze declarações apostólicas de fé, confissão esta que era requerida de cada candidato ao batismo:

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso;
também creio em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor,
concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem Maria,
padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e
sepultado; desceu ao inferno,
ao terceiro dia ressuscitou,
subiu ao céu,
sentou-se à direita do Pai,
de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos.
Creio no Espírito Santo,
na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos,
na remissão dos pecados,
na ressurreição da carne e na vida eterna.

Esta é a definição mais simples de ortodoxia que surgiu na era pós-apostólica — sucinta, abrangente e clara.

O emergente Cânon dos Escritos Apostólicos

A palavra cânon vem do grego *kanon*, que significa "uma vara de medir" ou "uma régua". É a palavra dada pelos antigos pais da Igreja àqueles primeiros escritos apostólicos, que, por si mesmos, poderiam ser esta "vara de medir" ou "régua", pela qual se avaliariam todas as outras revelações e escritos, especialmente os dos cismáticos Gnósticos. Diante da circulação de certos evangelhos e epístolas Gnósticos, Irineu insistiu

que o teste de validade de qualquer escrito inspirado fosse sua autoria pelos apóstolos ou por homens intimamente ligados a eles. A esses textos Irineu chamou "Escritura".

Tertuliano se refere a esses escritos como o Novo Testamento, os quais considerou equivalentes ao Velho Testamento no que diz respeito à inspiração divina. Por volta de 200, de acordo com o fragmento muratoriano, a Cristandade ocidental havia reconhecido um cânon do Novo Testamento que incluía basicamente Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, 1 e 2 Coríntios, Efésios, Filipenses, Colossenses, Gálatas, 1 e 2 Tessalonicenses, Romanos, Filemon, Tito, 1 e 2 Timóteo, Judas, 1 e 2 João, Apocalipse, e o Apocalipse de Pedro. Porém, o desenvolvimento do cânon do Novo Testamento na sua forma final, como conhecemos hoje, demorou até aproximadamente 400 para ser formado no ramo latino da Igreja e, mais tarde ainda, no ramo grego.

O fortalecimento do episcopado

Para nós é fácil perceber como a desvanecedora atividade carismática do Espírito Santo na Igreja perto do final do primeiro século tornou impossível o ministério completo do Corpo na localidade. Também é possível ver como a presença de heréticos em reuniões locais da Igreja tornou o ministério "aberto" do Corpo ainda mais indesejável, fazendo-se necessária a transferência do ministério público de todo o Corpo para apenas os presbíteros reconhecidos da Igreja. Nesta mudança percebemos as primeiras distinções sutis entre o clero (os "sacerdotes") e os leigos da Igreja.

Também já registramos a forte ênfase dada por Inácio de Antioquia (110) à obediência ao "bispo singular" como melhor proteção, no seu entender, contra a invasão da heresia Gnóstica. Evidentemente percebeu-se que a submissão a um único homem era mais exequível e efetiva do que a submissão a uma pluralidade de homens, especialmente se esses homens não tivessem a mesma mente e o mesmo coração.

A era antenicensa do segundo e terceiro séculos presenciou um fortalecimento progressivo deste episcopado monárquico pelo mesmo motivo, e enfatizou-se ainda mais a validade exclusiva daquele episcopado

que estivesse em sucessão direta dos próprios apóstolos. Irineu, Clemente, Tertuliano, e especialmente Cipriano, em sua batalha contra os Gnósticos, fortaleceram grandemente esses conceitos do episcopado monárquico como sendo por sucessão dos apóstolos.

Talvez devêssemos nos admirar por que, em todo este declínio e no conseqüente espocar de heresias, não se enfatizava mais a advertência apostólica: "Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras..." Devemos ponderar bem por que esses santos homens colocaram mais ênfase em apologética e estrutura como remédio, em vez de enfatizarem a renovação do derramamento do Espírito Santo como nos dias dos apóstolos!

A crescente supremacia da igreja de Roma

O historiador Qualben faz uma observação muito interessante sobre este momento da história da Cristandade: "Embora a Igreja ainda não tivesse se tornado uma hierarquia, desenvolvia-se rapidamente nesta direção... os bispos de Roma, Constantinopla, Antioquia, Jerusalém e Alexandria asseguravam naturalmente uma proeminência especial devido à sua localização e à influência singular de suas igrejas."

Um valor específico é particularmente atribuído à influência da Igreja em Roma, sede inicial do Império Romano. Por volta de 100, a Igreja Romana se sobressai como a maior congregação da Cristandade. Por volta de 251, continuava a ser a igreja mais forte e mais vibrante de sua época, possuindo cerca de 30.000 seguidores sob a autoridade do bispo único Cornélio, com seus 46 presbíteros, 7 diáconos, 7 subdiáconos, 42 coroinhas e 52 exorcistas, leitores e zeladores.

Ela permaneceu firme na defesa da fé cristã contra os Gnósticos, os montanistas e outros cismáticos. Tendo isto em vista, Irineu, ao escrever sua Heresias no final do segundo século, declara a respeito de Roma que "é por uma questão de necessidade que toda igreja deve concordar com esta igreja". De acordo com Eusébio, a influência de Roma foi intensificada mais ainda por causa da sua famosa generosidade. Por volta de 251 havia mais de 1500 necessitados sendo sustentados pela Igreja. Inácio, em sua epístola aos Romanos, dirigiu-se a eles como "aos que têm a presidência do amor".

Roma, a congregação da caridade, o lugar onde o credo foi formulado e o cânon consolidado, a que mais defendeu a fé apostólica, alcançara naturalmente uma posição de importância na era antenicensa, posição esta que mais tarde seus bispos ambiciosos usariam como vantagem política em seus esforços para obter a supremacia oficial da Sé Romana (sede de poder) sobre toda a Cristandade.

A formação de uma cristologia definida

A definição neotestamentária de Deus é simples. Paulo escreve: "Porque ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra ... todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem nós existimos." Segundo a mente apostólica há somente "um Deus... e um Senhor, Jesus Cristo..." De acordo com os apóstolos, há também o entendimento simples de que, de alguma forma, este Deus único é revelado e expressado aos homens como "o Pai e o Filho e o Espírito Santo". Além desta simplicidade não existem definições elaboradas ou extensas sobre Deus no Novo Testamento.

A Cristologia do Novo Testamento também é bem simples. O apóstolo João, amigo íntimo e pessoal de Jesus, é provavelmente o mais categórico de todos os escritores do Novo Testamento em relação à pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. Em termos bem claros, Jesus é apresentado por João como o grande "EU SOU". Ele é "o Deus unigênito, que está no seio do Pai..." Ele é a Palavra, e como tal ele é "Deus". Ele é a revelação completa do Pai, pois declara: "Quem me vê a mim, vê o Pai ..." Para Tomé, Jesus é "Senhor meu e Deus meu!"

Para João, Jesus é efetivamente "o verdadeiro Deus e a vida eterna". Quanto à verdadeira e real humanidade de Jesus, João é igualmente enfático: "Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus..." Somente o enganador e o anticristo "não confessam Jesus Cristo vindo em carne". Em resumo, esta é a Cristologia apostólica. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

A teologia e a Cristologia dos séculos seguintes são infelizmente mais técnicas e mais complicadas e, portanto, mais divergentes. É verdade que houve graves erros teológicos e cristológicos durante este período, erros que solaparam aos poucos os alicerces sólidos da simplicidade apostólica original. Esses foram falsos ensinamentos que depreciaram a

verdadeira humanidade de Jesus e sua verdadeira divindade. Mas também é verdade que muita controvérsia surgiu entre os cristãos ortodoxos dessa época, simplesmente por causa de adições híbridas e elaborações acrescentadas por seus teólogos às definições apostólicas originalmente simples do primeiro século.

Tertuliano, o montanista, é um dos primeiros a elaborar sobre a palavra Trindade para definir a Divindade. Ele escreve de maneira um pouco obscura sobre a Trindade em *Contra Praxeas*: "Todos provêm de um, por unidade de substância, enquanto o mistério da dispensação está ainda preservado, o qual distribuí a unidade por uma Trindade, colocando em ordem os três, o Pai, o Filho e o Espírito Santo; três, porém ... não em substância mas em forma; não em poder mas em aparência, pois eles são de uma substância e uma essência e um poder, visto que ele é o Deus único de quem esses graus e formas e aspectos são reconhecidos pelo nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

Tertuliano ainda descreveu essas distinções da Divindade como "pessoas", e admitiu claramente em *Contra Praxeas* o problema que sua definição mais elaborada e estendida da Divindade causou: "Os simples — não os chamarei ignorantes ou indoutos — que sempre constituem a maioria dos crentes, estão perplexos sobre a dispensação dos três em um, considerando que sua própria regra de fé os remove da pluralidade de deuses do mundo para o único e verdadeiro Deus". O historiador Williston Walker comenta sobre esta objeção: "Era difícil para eles (a maioria dos crentes) enxergarem nas concepções trinitárias nada mais do que uma declaração de triteísmo" (isto é, três deuses).

Em reação a essas tendências chamadas triteístas dos trinitários, os monarquianistas (assim intitulados por Tertuliano por causa de sua forte posição monoteísta) declararam categoricamente sua fé na unidade ou unicidade absoluta de Deus. A forma mais difundida do monarquianismo foi o "Monarquianismo Modalista" (a antiga versão da nossa teologia pentecostal da "unicidade" no século vinte). Para esses monarquianistas, Deus era Deus único, revelando-se em três modos ou maneiras: Pai, Filho e Espírito Santo. Junto com Praxeas, o famoso proponente desta Cristologia, estava Sabélio que foi finalmente excomungado em Roma (215), o qual, entretanto, exerceu grande influência sobre a emergente Cristologia da Igreja.

A absoluta identificação que Sabélio fez do Pai, Filho e Espírito Santo implicaram a igualdade que com o tempo prevaleceu, teologicamente, sobre a teoria da "subordinação", que caracterizou a Cristologia trinitária de Tertuliano, e especialmente de Orígenes. Esta teoria da "subordinação" declarava a emanação do Filho a partir do Pai e a emanação do Espírito a partir do Pai e do Filho, tornando-se efetivamente um dos fundamentos da posterior heresia ariana, a versão do quarto século da moderna seita das Testemunhas de Jeová, que subordina Jesus Cristo ao Pai, como um "deus menor".

Nesta altura de nosso estudo da história da Igreja devemos estar bem cientes de que a era apostólica da simplicidade doutrinária havia cessado. As definições técnicas e as explanações extensas estão, agora, na ordem do dia. E com esta nova ortodoxia híbrida viriam controvérsias e cismas incontáveis e contínuos esforços autoritários para definir e controlar os limites da "verdadeira fé católica apostólica". Este é, historicamente, o outono do ano.

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

CAPÍTULO 5

1. Que é a era antenicensa e quem são os homens proeminentes dessa era?
2. Quem foi o mais antigo pai católico cuja vida influenciou tanto a igreja do Ocidente como a do Oriente e qual foi a sua contribuição principal?
3. Quais foram as duas teologias da Igreja e suas respectivas diferenças, e quais foram os pais católicos que ajudaram a formar cada uma?
4. Relacione os cinco fatos mais importantes sobre Tertuliano.
5. De que modo Cipriano foi discípulo de Tertuliano? De que maneira era diferente do seu mestre? Qual a sua principal contribuição para o Cristianismo Católico da era antenicensa?
6. Quem era o principal teólogo grego no início? O que a teologia grega procurou alcançar?
7. Exponha rapidamente as contribuições positivas e negativas de Orígenes para a teologia católica.
8. Faça uma relação das cinco consolidações significativas que ocorreram na era antenicensa de 175-325.
9. O que mais forçou, acima de tudo, o desenvolvimento de uma regra de fé?
10. O que qualificava um escrito para estar no "cânon" da Escritura?
11. Nomeie os vários passos desde a simplicidade congregacional

apostólica até o episcopado monárquico.

12. Quais os vários fatos que contribuíram para o crescente domínio da Igreja Romana sobre a Cristandade?
13. Qual a diferença principal entre a teologia e a Cristologia do primeiro século e as do terceiro e quarto séculos?
14. Quais as duas principais escolas de pensamento sobre a natureza da Divindade existentes no terceiro e quarto séculos?
15. Que lição podemos tirar hoje deste assunto do relacionamento entre simplicidade doutrinária e unidade versus sofisticação doutrinária e facção?

CAPÍTULO 6

RAJADAS FRIAS DE CONTROVÉRSIA

Os Sete Concílios da Igreja Católica (325-787)

A Grande Mudança

Por setenta e cinco anos, logo antes do famoso primeiro concílio de Nicéia em 325, a Igreja Cristã sofreu sua perseguição mais grave e severa impetrada pelos Imperadores Romanos. Sob o poder de Décio, os cristãos e seus líderes foram aprisionados, torturados e mortos. Foram saqueados e destruídos locais cristãos de culto que haviam surgido em vários lugares. Os cristãos se reuniam para cultuar em cavernas, em lugares desertos e nas catacumbas. (Estas eram túneis subterrâneos de aproximadamente um metro de largura, em cujas paredes os corpos dos crentes falecidos eram enterrados.)

Foi desencadeada uma grande pressão, chegando mesmo a haver ameaça de morte, para induzir os crentes a retornar ao culto pagão do Estado. Durante essas perseguições, um grande número "cedeu" sob a pressão e voltou às suas antigas práticas pagãs. Quando estas aflições finalmente cessaram, muitos desses desertores procuraram se reintegrar na Igreja, trazendo mais uma fonte de controvérsia amarga e cisma a Roma e a outros lugares por anos seguidos.

No outono de 312, o Imperador Constantino, o Grande, teve uma suposta experiência de conversão extraordinária. Ele alegou ter visto no céu uma cruz flamejante e as palavras: "Vença por este sinal." Na

primavera seguinte foi editado em Milão um decreto histórico concedendo total tolerância ao Cristianismo dentro do Império Romano. Este decreto foi destinado a produzir tanto fruto bom como mau dentro da Igreja na medida em que o Cristianismo se tornaria então, de modo acelerado, a religião aceitável e popular do Império em transformação.

O primeiro concílio geral da igreja em Nicéia

Por causa de dissensões internas no Império e das pressões externas por parte dos bárbaros, o Imperador Constantino reconheceu na Igreja Católica a única e forte esperança de unidade e estabilidade para o Império Romano. Mas a própria Igreja naquela estava também dilacerada por contenda e dissensão, especialmente sobre a controvérsia da Cristologia. Com esperanças de sanar essa brecha, Constantino convocou o primeiro concílio geral da Igreja, em maio de 325, em Nicéia, na Bitínia, a noroeste da Ásia Menor. A assistência foi de 318 bispos, aproximadamente um sexto da totalidade dos bispos de toda a Igreja, chamados desde a Espanha até a Pérsia para estar em Nicéia às expensas do governo.

O assunto em questão era a controvérsia entre o presbítero alexandrino, Ário, e seu bispo, Alexandre, sobre a natureza divina do Senhor Jesus Cristo. Para se opor a Ário também estava presente o jovem secretário do Bispo Alexandre, Atanásio. Ambos os lados se apegavam aos ensinamentos do alexandrino Orígenes; mas Ário deduziu a partir do subordinacionalismo de Orígenes que "o Filho tem um começo, mas o Pai não tem começo".

A decisão final do concílio foi anatematizar Ário e seus seguidores e acertadamente declarar na expressão do credo de Nicéia: "Nós cremos ... em um Senhor Jesus Cristo ... gerado, não criado, de uma substância com o Pai..."

Como resultado, Ário foi banido com dois outros para a Ilíria. Porém, dois anos mais tarde, a discussão surgiu com ímpeto novamente quando o excêntrico Constantino se mostrou favorável à volta de Ário e banuiu Atanásio, agora Bispo de Alexandria, por se recusar a reinstalar Ário. Atanásio foi exilado nada menos de cinco vezes; e o próprio instável Constantino foi finalmente batizado em seu leito de morte por um ariano! Atanásio, porém, seria por muito tempo lembrado na igreja como o "Pai da Ortodoxia", de quem o Credo Atanasiano deriva seu nome.

Pouco antes de sua morte em 337, Constantino mudou a capital do seu império para Bizâncio, a Istambul de hoje, trocando-lhe o nome para Constantinopla em homenagem ao seu próprio nome. Esta decisão afetaria profundamente o curso futuro da história da Igreja. Uma consequência seria encorajar mais ainda a já crescente rivalidade entre as igrejas gregas e as latinas através de elevar o Bispo de Constantinopla a uma posição de igualdade com o Bispo de Roma.

O Concílio de Constantinopla, maio de 381

Assistido por 186 bispos, em sua maioria gregos, e convocado pelo Imperador Teodósio o Grande, este segundo concílio da Igreja foi realizado na cidade de Constantino para continuar a tratar e solucionar a controvérsia ariana e ampliar a confissão nicena, afirmando a pessoa e divindade do Espírito Santo, "...que é o Senhor e Doador da vida, que procede do Pai, que junto com o Pai e o Filho é adorado e glorificado..." Este concílio, composto na maioria de clérigos gregos, também afirmou a crescente supremacia do Bispo de Constantinopla, que com o tempo se tornaria um problema para os futuros bispos da Igreja em Roma.

O terceiro Concílio da Igreja em Éfeso

Convocado inicialmente pelo Imperador Teodósio II no Domingo de Pentecostes, em 431, durando até o fim de outubro daquele ano, este concílio foi um verdadeiro campo de batalha entre o ambicioso e violento Cirilo, Bispo de Alexandria, e Nestório, o eloquente Patriarca de Constantinopla. Nestório fizera uma distinção tão grande entre as naturezas divina e humana de Cristo que quase o separou em duas pessoas. Nestório se opusera a chamar Maria de "mãe de Deus", uma prática já presente na Igreja daquela época, insistindo que ela era somente a mãe de Jesus Cristo homem e não de sua natureza divina.

Certos atos de nosso Senhor foram também atribuídos por Nestório à sua natureza divina e outros à sua natureza humana. Nestório foi injustamente banido para o deserto e seus seguidores formaram a Igreja Nestoriana, que cresceu com grande vigor na Síria, Pérsia, Armênia, e até mesmo na China em seu alcance missionário. Em resposta ao Nestorianismo, o concílio acertadamente se definiu desta forma: "Nós, portanto, confessamos nosso Senhor Jesus Cristo ... totalmente Deus e

totalmente homem ... pois uma união das duas naturezas ocorreu; por esta razão nós confessamos um Cristo, um Filho, um Senhor..." Embora fiquemos um tanto quanto admirados das ações carnis e violentas do concílio, devemos na mesma proporção honrar sua honesta tentativa em prol da verdade.

Um segundo problema decidido em Éfeso foi a condenação formal dos ensinamentos de Pelágio, um monge britânico, em favor dos ensinamentos de Agostinho, Bispo de Hipona no norte da África, o proeminente clérigo e autor de Confissões e A Cidade de Deus. Pelágio, do mesmo modo que o avivalista americano Charles G. Finney (1850), que seguiu em alguma medida o pensamento dele, atacou o crescente ponto de vista de que o pecado original foi herdado de Adão. Pecado, para Pelágio e Finney, era uma questão de vontade, e não de herança. Consequentemente, o batismo infantil seria desnecessário, porque as crianças não possuem pecado hereditário ou original. Por isso, um homem é moralmente livre para escolher Deus e obedecer a suas leis. (Idealmente, nesses termos seria possível até mesmo um homem ser salvo através da obediência perfeita à lei.)

Agostinho se opôs a esses ensinamentos, afirmando a crescente crença católica sobre o pecado original por nascimento, a necessidade do batismo infantil, a incapacidade de um homem verdadeiramente escolher Deus, e daí a necessidade da graça soberana e irresistível de Deus na salvação do homem, um ponto de vista adotado mais tarde na Reforma Protestante especialmente por João Calvino.

Embora o Pelagianismo fosse, então, formalmente condenado pela Igreja, ele sobreviveu na forma de um Semipelagianismo, que depois cresceu e subverteu teologicamente o Catolicismo medieval com a crença numa forma de justificação pelas obras humanas. O Semipelagianismo foi vigorosamente combatido pelos reformadores, que o denunciaram como heresia.

No meio das suas virtudes pessoais e espirituais, Agostinho apoiou algumas outras ideias que mais tarde também produziram muita confusão na Igreja. Ele ensinou que não há salvação fora da Igreja Católica visível, considerando-a como a Cidade de Deus, a verdadeira Sociedade Cristã, lançando assim o fundamento para as futuras reivindicações do papado medieval.

Outros líderes católicos proeminentes

Pertencem também a esta época outros líderes católicos proeminentes como Ambrósio (340-397), Bispo de Milão, provavelmente o maior pregador da Igreja Ocidental e um grande campeão irredutível do Catolicismo contra o arianismo. Foi através de Ambrósio que o próprio Agostinho foi convertido de sua sensualidade a Cristo em Milão. Do mesmo modo, houve João Crisóstomo, Patriarca de Constantinopla (347-407), o "Boca de Ouro", assim chamado por causa de sua inigualável eloquência em defesa da ortodoxia católica e seus destemidos apelos para o arrependimento, os quais acarretaram o seu banimento pela mundana Imperatriz. Também houve Jerônimo (343-420), o monge celibatário, conhecido por sua famosa compilação das Escrituras do Velho e Novo Testamentos numa versão latina conhecida como Vulgata. Seguindo a linha de Atanásio, e ainda se sobressaindo por seus próprios méritos na Igreja Oriental por defenderem o Credo de Nicéia contra o arianismo, houve também três capadócius devotados e empenhados: Basílio, Bispo de Cesaréia na Capadócia (329-379), seu irmão mais novo Gregório, Bispo de Nissa (332-394), e o amigo de ambos, Gregório de Nazianzo (330-390). Em meio a controvérsias e contendas, esses autênticos homens de Deus se sobressaem em sua geração.

O quarto concílio da Igreja em Calcedônia, na Bitínia

Convocado em 8 de outubro de 451 pelo Imperador Marciano, por insistência do Bispo de Roma, Leão, este turbulento concílio reuniu de quinhentos a seiscentos bispos, mais uma vez quase todos gregos e orientais, para a condenação de Êutico, abade de um mosteiro perto de Constantinopla. Êutico fora o oponente inicial e inflexível de Nestório, o proponente das duas naturezas, no concílio de Éfeso cerca de 20 anos antes! O próprio Êutico era agora acusado de ensinar que Cristo tinha somente uma natureza — a humana absorvida na divina.

Êutico declarou: "Como uma gota de leite que se deixa cair no oceano é rapidamente absorvida, assim também a natureza humana de Cristo foi totalmente absorvida pela Divindade." A esta declaração o credo de Calcedônia acertadamente respondeu: "Nós, então... todos com um só consentimento, ensinamos os homens a confessar o único e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo... verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem... com duas naturezas: inconfundivelmente, imutavelmente,

indivisivelmente, inseparavelmente; sendo a distinção das naturezas de forma alguma desfeita pela união, mas antes a propriedade de cada natureza sendo preservada, e coexistindo em uma pessoa... o Senhor Jesus Cristo..."

Porém, a história registra o comportamento não cristão de vários bispos presentes neste turbulento concílio, com seus insultos, escárnios, fúria tumultuada e violência. Enquanto um líder se levantou para se dirigir ao concílio, outros gritaram: "Fora com este judeu, inimigo de Deus, blasfemador de Cristo!" É de admirar a que ponto chegou a ortodoxia católica do quinto século, a um ponto em que Jesus Cristo era agora discutido carnalmente e disputado com amargor. Sentimos saudade e anseio pelo retorno daquela ungida simplicidade apostólica do primeiro século, onde nosso Senhor Jesus Cristo era simplesmente adorado e amado pelo poder do Espírito Santo derramado como verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Leão, o grande

Nenhum homem desta época se destaca mais como um enigma do que o bispo e teólogo romano, Leão, o Grande (440-461). Em seus sermões da Semana Santa, Leão declarou, "A cruz é a nossa glória através da qual o mundo está morto para nós e nós estamos mortos para o mundo (Gl 6.14)... Qualquer um que tenha pregado seus desejos pecaminosos à cruz, que tenha colocado aos pés de seu Salvador qualquer ressentimento ou amargura que possa estar em seu coração, que tenha aprendido a perdoar seus inimigos e a preferir a vontade de Deus, ao invés da sua, que se recuse a ceder aos impulsos de sua natureza carnal e que ande no caminho do Espírito Santo de Deus, não tem necessidade nem de temer o maligno nem de tentar apaziguá-lo..." No entanto, este mesmo Leão envidou todos os seus esforços para ser reconhecido na Igreja como "Bispo Universal".

Foi ele quem deu à teoria do poder papal sua mais completa forma. Embora no final tenha sido grandemente aceito como supremo pontífice (bispo) na Igreja Ocidental, as reivindicações de Leão foram enfaticamente repudiadas pela Igreja Oriental, o que somente contribuiu para a final entre as Igrejas Grega e Romana séculos depois. O Concílio de Calcedônia elegera o Patriarca de Constantinopla como o Bispo Principal de toda a Igreja, mas recusara os enérgicos apelos de Leão para ser

reconhecido como Bispo Universal da Igreja (embora de fato concordasse em reservar o título de "Papa" para o Bispo Romano).

E assim Leão permanece como um enigma — um homem de profunda convicção espiritual, porém de grande ambição pessoal. Esta contradição evidente de espiritualidade e carnalidade é infelizmente muito característica da maioria dos acontecimentos ocorridos nos concílios e com bispos e igrejas nesta era decadente do Cristianismo.

O quinto concílio, Constantinopla II, maio de 553

Exatamente um século depois do concílio em Calcedônia, o Imperador Justiniano, sem o consentimento do Papa Romano, convocou o quinto concílio católico da Igreja com 164 bispos para solucionar a persistente controvérsia monofisista. Este concílio também, num ato muito confuso, condenou Orígenes como herético, antes tido como "o maior teólogo antenicensino da Igreja Oriental", e aquele cujos pensamentos já tinham ajudado muito a moldar o pensamento da Igreja!

O sexto concílio, Constantinopla III, novembro de 680

Mais do que um século depois do concílio anterior, foi convocado o sexto concílio católico, no qual o monotelismo, que ensinava que Cristo tinha apenas uma vontade singular, foi condenado. O concílio proclamou "que Cristo tem duas volições ou vontades, e duas operações naturais sem divisão ou variação, sem separação ou mistura..." J. Oliver Buswell, professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico Covenant em St. Louis, habilmente comentou o problema doutrinário causado pela teoria das duas vontades: A decisão do terceiro concílio de Constantinopla, 680, declarando que Jesus tem duas 'vontades'... é talvez a mais perturbadora para nossa consciência moderna.

Eu não posso negar que o teor da decisão do concílio parece implicar que a 'vontade' seja uma entidade substantiva como mão ou pé. Porém, não creio que tal opinião possa ser sustentada dogmaticamente como o verdadeiro significado da decisão do concílio... De qualquer modo, não estamos tratando com a palavra infalível de Deus, mas com as decisões do venerável concílio geralmente consideradas como verdadeiras." (Na verdade, Jesus Cristo tem apenas uma vontade — verdadeiramente humana, porém verdadeiramente divina. É de se ficar

um tanto ou quanto admirado dos problemas teológicos e cristológicos criados pelos homens até o sétimo século do Cristianismo!)

No processo de suas decisões, Constantinopla III também condenou o Papa Honório (638) como herético. Philip Schaff comenta o problema subsequente que este ato criou: "A condenação, como herético de um papa falecido por um concílio ecumênico é tão inconsistente com as reivindicações da infalibilidade papal, que historiadores romanos têm tentado ao máximo negar o fato ou enfraquecer a sua força através de argumentos sofisticados." Estes são séculos de crescentes controvérsias e confusões, enquanto a vida do Espírito de Cristo continuava a declinar nas igrejas da Cristandade.

O sétimo concílio, Nicéia II

Convocado pela Imperatriz Irene em 787, este último concílio da Igreja Católica em processo de desintegração não fez muito mais que produzir o decreto bíblicamente incorreto: "Se qualquer bispo desta época em diante for achado consagrando um templo sem relíquias sagradas, será deposto como um transgressor das tradições eclesiásticas!"

A partir desta época, as Igrejas Grega e Romana se dividem; e concílios verdadeiramente ecumênicos, representando a Igreja como um todo, não existem mais. Tempos mais tarde, depois de 336 anos, a Igreja Romana — em prosseguimento às suas reivindicações de universalidade — iria convocar o primeiro concílio ecumênico romano da igreja medieval, em Latrão (1.123). A Igreja Grega, nesse momento, já havia sido oficialmente separada de sua irmã romana numa divisão irreconciliável, que vem desde 1054 até hoje.

Esses são séculos cheios de rajadas frias de controvérsia amarga e de ambição, anunciando a vinda do tenebroso inverno conhecido como a Idade Escura da história da Igreja — uma era onde a luz obscurecida e vacilante da glória de Deus foi quase totalmente extinta da face da terra.

QUESTIONÁRIO PARA DISCUSSÃO EM GRUPO

CAPÍTULO 6

1. Que problema foi criado por alguns daqueles que "desertaram" durante as severas perseguições sob o poder dos imperadores romanos?
2. O que mudou os rumos da Igreja cristã tanto para o bem quanto para o mal no início do quarto século?
3. Quem convocou o primeiro concílio geral da igreja? Quando? Onde? Por que motivo?
4. Que ato de Constantino, um pouco antes de sua morte, serviria somente para aumentar a divisão entre as Igrejas Grega e Latina?
5. Que definição foi adicionada ao Credo pelo Concílio de Constantinopla em maio de 381?
6. Que desequilíbrio cristológico foi corrigido pelo Concílio de Éfeso em 431?
7. Descreva rapidamente a controvérsia pelagiana-agostiniana, citando os líderes proeminentes que abraçaram cada ponto de vista.
8. Relacione pelo menos cinco líderes proeminentes do quarto século e cite uma contribuição importante de cada um.
9. Que desequilíbrio cristológico o Concílio de Calcedônia procurou corrigir? Comente o comportamento de seus participantes tendo em vista João 13.35.
10. Comente rapidamente as contradições que existiam na vida de Leão, o Grande.
11. Relacione rapidamente os nomes, datas e decisões do quinto, sexto e sétimo concílios.
12. Numa única frase estabeleça o contraste entre a mentalidade da era dos concílios e a mentalidade da igreja apostólica a respeito do próprio nosso Senhor Jesus Cristo.